Seria Saussure estruturalista? Notas sobre a predicação no âmbito da história das ciências

Saussure serait-il structuraliste ? Notes sur la prédication dans l'histoire des sciences

Rafael Faraco Benthien *
Universidade Federal do Paraná

Resumo

O presente artigo discute os problemas envolvidos na articulação entre um "rótulo" e um "autor", ou uma "obra". Tomando como estudo de caso as relações entre o "estruturalismo", Ferdinand de Saussure e seu Curso de Linguística Geral, busca-se aqui desnaturalizar os vínculos entre essas palavras, problematizando as diferentes apropriações que os referidos autor e obra receberam ao longo dos anos 1900-1960.

Palavras-chave: Predicação; ciência; Saussure.

Résumé

Cet article discute des problèmes liés à l'articulation entre une "étiquette", un "auteur" et une "œuvre". En prenant en tant qu'étude de cas les rapports entre le "structuralisme", Ferdinand de Saussure et son Cours de Linguistique Générale, on procède ici à la dénaturation des liens entre ces mots, en discutant critiquement les différentes appropriations que l'auteur et l'œuvre cités auparavant ont reçus au cours des années 1900-1960.

Mots-clés: Prédication ; science ; Saussure.

● **Enviado em: 04/04/2019**
● **Aprovado em: 10/07/2019**

* Professor adjunto atrelado ao Departamento de História (DEHIS) e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Paraná. A primeira versão deste texto foi lida durante a Semana de Letras da UFPR, no outono de 2016. Agradeço aos organizadores do evento o convite, bem como aos auditores e posteriores leitores, cuja generosidade crítica me permitiu rever e aprimorar várias passagens. Todas as traduções do francês são, salvo indicação contrária, responsabilidade do autor.

Seria Saussure estruturalista? Notas sobre a predicação no âmbito da história das ciências

A atividade científica supõe, em seus fundamentos, articulações entre certas modalidades de "coisas" – a saber, nomes de pessoas e de obras, ou ainda conjuntos de objetos, métodos e problemas – e um número limitado, maior ou menor conforme as circunstâncias, de "rótulos". Diz-se, por exemplo, sem que se tenha *a priori* a sensação de cometer uma gafe, que o tema "luta de classes" é um objeto de estudo tipicamente "marxista", que "Willian Labov" é um "sócio-linguista", ou, ainda, que "Os Reis Taumaturgos" é uma obra atrelada à "Escola dos Annales". O mundo é assim dividido e, mais, classificado, o que permite enquadrar tanto quem fala quanto de que se fala, operação em geral acompanhada de juízos de valor: algo é bom ou ruim, sofisticado ou simplista, atual ou ultrapassado, em um sem número de articulações possíveis.

Gostaria de destacar, como ponto de partida do presente texto, a autoevidência à qual são abandonados, cotidianamente, esses atos de predicação. Acaso atrelar um "rótulo" a uma "coisa" dá a ver um nexo de sentidos unívoco e atemporal, estribado na realidade objetiva? Se sim, como explicar que a carga semântica desses "rótulos" nem sempre se mantenha constante quando considerados seus múltiplos empregos? E o que dizer da instabilidade temporal dos "rótulos", cujas origens muitas vezes conseguem ser mapeadas e cujos usos podem ser suspensos ou ressignificados pelo aparecimento de novos "rótulos"? Se há alguma parte da atividade científica que é simples, certamente não é essa.

Para que a discussão do problema não gire em torno de formulações escolásticas, tomo como mote da discussão o vínculo entre o estruturalismo e certos ramos da linguística contemporânea. Em especial, interessa-me discutir o que significa afirmar que Ferdinand de Saussure (1857-1913) e uma de suas obras, o agora centenário *Curso de Linguística Geral*, são "estruturalistas"? Acaso tal predicação seria unânime e transparente, anulando possíveis desvios interpretativos?

Ao atacar o problema valendo-me dessa embocadura analítica, e sem ter a pretensão de esgotá-la, agirei aqui em três tempos. Inicialmente, retomarei a recepção primeira da trajetória e da obra de Saussure. Restringirei minhas considerações a França, onde o linguista suíço trabalhou e deixou marcas, mobilizando, para tanto, textos em homenagem ao autor e resenhas que suas obras receberam entre 1908 e 1919. O objetivo é isolar os padrões de predicação então atuantes, verificando se existe ou não nesse ínterim qualquer coisa comparável ao rótulo, hoje em evidência, de "estruturalista". Em seguida, isolarei as

referências análogas no âmbito da principal coletânea programática de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), *Antropologia Estrutural*. Nesse caso, cabe problematizar como Saussure e sua obra são utilizados por um "antropólogo" que reclama para si abertamente o rótulo de "estruturalista". Por fim, apresentarei elementos que, espero, possam esclarecer, ao menos em parte, as continuidades e as rupturas observadas, concluindo com observações mais gerais sobre as constantes implicadas nas predicações científicas.

A RECEPÇÃO PRIMEIRA DE SAUSSURE NA FRANÇA (1908-1919)

Quando inicia sua carreira no magistério superior na França, em 1881, Saussure conta com 24 anos de idade. Ele recém defendera na Alemanha a tese intitulada *Do emprego do genitivo absoluto em sânscrito*, tendo ainda publicado, dois anos antes, a *Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*. É por indicação do então padrão da linguística francesa, Michel Bréal (1832-1915), que ele passa a ocupar a cadeira de *Gramática Comparada* na *Escola Prática de Altos Estudos*. Seguem-se a essa nomeação dez anos de atividade quase ininterrupta, período em que Saussure envolve-se com o secretariado da *Sociedade de Linguística de Paris*, bem como publica textos breves sobre temas variados. Não localizei, nesse período inicial, avaliações de conjunto sobre os trabalhos e a trajetória de Saussure.

Tal silêncio é rompido, contudo, em 1908, dezessete anos após o retorno do linguista suíço a seu país natal. Não que ele tenha publicado nesse meio tempo obra de destaque: o que fornece o ensejo para essa primeira manifestação é a coletânea que a *Sociedade de Linguística* organiza em homenagem a seu antigo secretário[1].

Duas características saltam aos olhos quanto a esse volume, quais sejam, a temática de seus capítulos e a apresentação do livro. Em relação ao primeiro ponto, vale notar que, à exceção do capítulo *A estilística e a linguística teórica*, de Albert Sechehaye (1870-1946), um dos futuros compiladores do *Curso de Linguística Geral*, as demais contribuições tratam de aspectos fonéticos ou gramaticais que remetem às diversas línguas indo-europeias. A ausência de questões, digamos, "gerais" – teóricas, metodológicas e epistemológicas – é reforçada pela breve nota explicativa do volume, que ocupa menos de meia página. Nela, após um resumo das atividades de Saussure na França, diz-se:

[1] Não pude localizar os textos lidos por ocasião do lançamento do volume. O *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* traz apenas a menção ao evento, no qual discursaram Antoine Meillet e Charles Bally. Cf. *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*. Paris, Société de Linguistique, vol. 15, no. 56, 1908, p. xvi.

> Em seguida, tendo retornado à cidade tão prestigiada por sua família, o Sr. F. de Saussure continuou seu *belo ensino*. Alguns de seus *antigos estudantes e daqueles que*, sem tê-lo escutado diretamente, em Paris ou Genebra, *foram por ele influenciados por intermédio do ensino de seus discípulos*, quiseram, através dessa coletânea, explicitar seu reconhecimento. A Sociedade de Linguística de Paris está feliz em poder dedicar-lhe um dos primeiros volumes de sua nova coleção. Ela agradece aos compatriotas do Sr. F. de Saussure, que desejaram unir suas homenagens àquelas dos antigos *estudantes do autor de Memória sobre o sistema primitivo das vogais indo-europeias*[2].

Dois são, portanto, os predicados de Saussure: o de "bom professor" e o de "autor de uma obra específica".

Essa tendência é reforçada com os elogios fúnebres que recebe em 1913. Localizei dois textos dessa natureza. O mais expressivo foi escrito por Antoine Meillet (1966-1936), então professor de *Gramática Comparada* no *Collège de France* e, sem dúvida, o principal nome da linguística francesa nas primeiras décadas do século XX[3]. Meillet não fora apenas estudante de Saussure em Paris, mas também seu sucessor imediato. Em tal necrológio, faz-se um longo balanço da trajetória e das publicações do linguista suíço[4].

O texto inicia com a narrativa sobre os primeiros anos de Saussure e a descrição de seus estudos superiores na Alemanha. É nesse ponto que as teses principais da memória já mencionada sobre as alternâncias vocálicas nas antigas línguas indo-europeias são expostas:

> *O vocalismo indo-europeu foi assim reduzido a um sistema rigoroso*, no qual todas as alternâncias regulares empregadas nas formas gramaticais encontravam seu lugar natural, e que se impõe por essa razão ao espírito com a clareza da evidência. (...). *Jamais*, nem antes, nem depois da *Memória*, *apareceu sobre a gramática comparada um livro tão seguro, tão novo e tão pleno*[5].

---

2 *Mélanges de Linguistique Offerts à M. Ferdinand de Saussure*. Paris, Champion, 2008, p. i (os destaques são meus).

3 Sobre Antoine Meillet e sua trajetória, ver o aparato crítico apresentando em MEILLET, Antoine. *Como As Palavras Mudam de Sentido*. São Paulo, Edusp, 2016 (edição bilíngue e crítica organizada por Rafael Faraco Benthien e Miguel Soares Palmeira).

4 O mesmo texto foi publicado concomitantemente no Boletim da Sociedade de Linguística de Paris e no Anuário da IV Seção da Escola Prática de Altos Estudos. Utilizo aqui, como se verá na sequência, a paginação desta versão.

5 MEILLET, Antoine. "Nécrologie – Ferndinand de Saussure" In *Annuaire de la IV^{ème} Section de l'École Pratique des Hautes Études*. Paris, EPHE, 1913, p. 117 (os destaques são meus).

Sua tese sobre o genitivo absoluto em sânscrito, por outro lado, é descrita em termos mais modestos. Meillet a qualifica como "simples artigo técnico", o qual "mostrava qual era a solidez dos conhecimentos do autor"[6].

Na sequência, a homenagem evoca as atividades profissionais de Saussure na França, bem como seu envolvimento com a Sociedade de Linguística e sua nomeação como professor. Sobre este ponto, produz-se o seguinte relato:

> Os ensinamentos (...) que o estudante recebia de F. de Saussure tinham um *valor geral, eles preparavam para trabalhar e formavam o espírito*; suas fórmulas e suas definições se fixavam na memória como *guias e modelos*. Ele fazia *amar e sentir a ciência que ensinava* (...). Aliás, *ele jamais parecia apresentar em seu curso uma verdade pronta*; ele havia preparado com esmero tudo o que tinha a dizer, mas dava às suas ideias um *aspecto definitivo apenas através da fala.*[7]

E quanto às demais publicações do linguista suíço? Sobre elas, Meillet sentencia:

> *Ele não era destes que se apressam* para publicar suas ideias antes de amadurecê-las, antes de ter produzido um sistema completo e coerente e ter dado conta de todas as dificuldades. *Preocupado demais em fazer uma obra definitiva*, *ele rompeu o silêncio apenas para publicar notas bastante breves*[8]*.*

Após discutir tais breves notas uma a uma, o necrológio caminha para seu fim apreciando os anos de atividade de Saussure na Suíça:

> Acerca das reflexões sobre *a linguística geral* que ocuparam uma grande parte de seus últimos anos, nada foi publicado. F. de Saussure queria sobretudo marcar o contraste entre duas maneiras de considerar os fatos linguísticos: *o estudo da língua em um determinado momento, e o estudo do desenvolvimento linguístico através do tempo*. Apenas os estudantes que acompanharam na Suíça os cursos de F. de Saussure sobre a linguística geral puderam tirar proveito de suas ideias[9].

O outro necrológio localizado é a reprodução que a *Revue Archéologique* faz da notícia publicada no dia 23 de fevereiro no *Journal de Genève*. Seu autor, Ernest Muret (1861-1940), se vale de termos parecidos com aqueles empregados por Meillet, dando apenas maior ênfase ao ensino na Suíça:

---

6 *Ibid*., p. 118.
7 *Ibid*., p. 118-119 (os destaques são meus).
8 *Ibid*., p.119 (os destaques são meus).
9 *Ibid*., p. 122-123 (os destaques são meus).

> Em nosso país, (...) com alguns estudantes de elite, ele percorreu *quase todo o campo da linguística indo-europeia*, fornecendo-lhes seguidamente explicações sobre as inscrições dialetais da Grécia e dos antigos reis Persas, dos textos sânscritos, germânicos e lituanos. (...). *Ainda que ele não os tenha abordado diretamente, os problemas gerais da evolução e da psicologia da linguagem impunham sem cessar a seu espírito meditações originais.* (...)
> *As memórias que Saussure publicava após longos intervalos trouxeram, todas elas, alguma importante e original contribuição* ao progresso da ciência linguística. Nunca se deixará de lamentar *o fato dele ter escrito tão pouco (...). A esse espírito em constante trabalho repugnava fixar seu pensamento em uma redação definitiva*[10].

Até sua morte, em 1913, os predicados colados a Saussure não envolvem a criação de uma linguística "estruturalista". Aliás, o termo sequer aparece! Estamos diante de um linguista celebrado por seus trabalhos no âmbito do comparatismo indo-europeu, com destaque para a *Memória sobre o sistema primitivo das vogais indo-europeias*. Além disso, trata-se de um excepcional professor, cujas lições abarcam desde a gramática e a fonética indo-europeias como a linguística geral. Saussure fora, no entanto, demasiadamente consciencioso para dar a essa parte de seu ensino um caráter definitivo.

Vejamos agora o que ocorre a partir de 1916, logo após a publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*.

Localizei apenas duas resenhas francesas de primeira hora sobre essa obra. Mas tal silêncio relativo não deve ser confundido com descaso: o fato é que a França enfrentava então a Primeira Grande Guerra, tendo parte significativa de sua atividade científica suspensa, com grande número de estudantes e professores em trincheiras e/ou em escritórios governamentais. De todo modo, o então patrão da linguística francesa, Meillet, sempre ele, discutiu a obra no Boletim da Sociedade de Linguística[11].

O que se lê no referido texto são, em meio aos elogios já formulados em outras manifestações pretéritas, duas modalidades de ressalvas: uma, ética, e outra, de conteúdo. A primeira refere-se ao fato de o livro publicado ser algo "que o mestre não fez, e que ele sem dúvida jamais faria"[12]. Afinal, o *Curso* nada mais é que a compilação de notas de estudantes, as quais não concordam entre si em todos os pontos e que não passaram pelo crivo do autor.

Em relação às reservas de conteúdo, Meillet recusa ao livro o caráter de um curso geral definitivo:

---

10 MURET, Ernest. "Ferdinand de Saussure" In *Revue Archéologique*. Paris, Leroux, 1913, t. XXI, pp. 240-243 (os destaques são meus).

11 MEILLET, Antoine. "Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, publié par Ch. Bally et A. Sechehaye, avec la collaboration de Riedlinger. Lausanne et Paris (Payot), 1916, in-8, 337 p." In *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*. Paris, Société de Linguistique, vol. 20, nos. 64-65, 1916, pp. 32-36.

12 *Ibid*., p. 32.

> *Não se está em presença de uma exposição completa, bem equilibrada*; trata-se mais de uma série de pontos de vista que esclarecem todas as possibilidades do tema, deixando ao leitor a tarefa de segui-las até o final[13].

Os outros pontos abordados com maior atenção dizem respeito às dicotomias língua/fala e sincronia/diacronia. Nesse sentido, afirma-se:

> F. de Saussure distingue a *língua* e a *fala*. A *fala* é o que se pode observar diretamente; é o que é emitido ou entendido; trata-se sempre de um fato individual, que se produz em certo momento. A língua pode apenas ser entendida por meio da fala e ela se transmite apenas pela fala. Mas ela é a realidade mais importante; ela é independente do indivíduo, porque ela é coisa social. Esta distinção entre *língua* e *fala* é essencial, e deveria penetrar em todos os espíritos.[14]

O problema, todavia, reside na relação entre essa e outra dicotomia, a saber, sincronia/diacronia. Nas palavras de Meillet:

> *Tendo por objeto único a "língua", F. de Saussure não se vincula de bom grado ao estudo da "fala". Não obstante, é apenas estudando minuciosamente a fala que o especialista em fonética pode descrever a língua.* (...). Se é lícito em uma dada realidade fazer um *recorte arbitrário* para estudá-la à vontade**,** *não se deve por isso imaginar que se estudou completamente essa realidade* (...). *Ao separar a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende, F. de Saussure a priva de realidade*; *ele a reduz a uma abstração*, que é necessariamente inexplicável. (...)
> *Considerada na "diacronia", o fato linguístico é um fato histórico que deve ser compreendido em meio a outros fatos históricos*. Desse modo, pode-se apenas fazer a teoria das sucessões fonéticas de uma língua graças a aproximações etimológicas. Mas a transmissão de cada palavra coloca um problema particular, que deve ser estudado à luz de fatos históricos. Além disso, ao se estudar uma língua falada atualmente, deve-se fazê-lo necessariamente levando em conta as diferenças que resultam da diversidade das condições sociais e de toda a estrutura da sociedade considerada.[15]

Albert Cuny (1869-1947), estudante de Meillet que faz carreira como professor em Bordeaux, escreve em 1919 a outra resenha localizada, que tem características diferentes. Com efeito, publicando-a na *Revue des Études Anciennes*, um compêndio de estudos clássicos, Cuny dá ênfase às questões de "linguística diacrônica", que ele restringe a três: o problema da

13 *Ibid*., p. 33 (o destaque é meu).
14 *Ibid*., p. 34 (os destaques são meus).
15 *Ibid*., pp. 35-36 (os destaques são meus).

"aglutinação", o das "causas da diversidade geográfica" e o das "reconstruções"[16]. No atacado, porém, Saussure é qualificado como um "iniciador". Enquanto tal, seu Curso não se caracteriza por promover uma revolução na linguística, mas por fixar a base da ciência moderna. Em suas palavras:

> É, portanto, um notável serviço que os Srs. Bally e Séchehaye prestaram à linguística ao recolherem piedosamente os ecos do ensinamento de seu mestre e escrevendo um livro que dá, enfim, *o esboço de uma metodologia cujos princípios, até então, os linguistas colocaram apenas em prática por uma espécie de instinto*.[17]

Tendo em vista essas manifestações, vê-se o quanto a fixação das lições de linguística geral de um destacado professor, que havia publicado em vida apenas no âmbito do comparatismo linguístico indo-europeu, nem sempre suscita reações positivas. Embora elogie os *insights* da obra, Meillet critica a falta de operacionalidade de suas oposições para explorar, em termos teóricos e metodológicos, a definição da linguagem como "fato social". Por outro lado, mesmo reconhecendo o Curso como livro de "linguística geral", tanto Meillet quanto Cuny negam seu caráter definitivo, destacando o que há nele de "esboço", de "incompleto". Cuny chega mesmo a destacar o fato de o curso explicitar intuições praticadas por linguistas! É como se o grande mérito de Saussure estivesse em sistematizar verdades elementares, já definidas na prática. E "elementar" parece-me uma palavra adequada, uma vez que Cuny o toma por "iniciador", o que é certamente prestigioso, mas também é uma maneira de dizer que está aberta a temporada de superação do mestre. O elementar reclama, afinal, o complexo.

Além disso, em nenhum texto citado, a palavra "estrutura" ou o rótulo "estruturalismo" apareceram indicando a percepção de Saussure como o iniciador de um tipo de linguística especial. Ele fora simplesmente um iniciador da linguística "em geral", bem como um comparatista.

Passemos agora a Lévi-Strauss e ao que muda quando o antropólogo refere-se a Saussure.

---

16 CUNY, Albert. "F. de Saussure. *Cours de linguistique générale* publié par Ch. Bally et A. Sechehaye, avec la collaboration de A. Rödlinger. Paris et Lausanne, Payot et C[ie], 1916, I vol. in-8 de 326 pages" In *Revue des Études Anciennes*. Bordeaux, Féret et Fils, 1919, pp. 63-66.

17 *Ibid*., p. 66, (o destaque é meu).

O LUGAR DE SAUSSURE NA ANTROPOLOGIA DE LÉVI-STRAUSS

Diante do já exposto, certas ressalvas devem ser feitas. Com efeito, embora se trate de um antropólogo francês, sua França não é mais exatamente aquela em que trabalhou Saussure. Quase cinquenta anos, e duas Guerras Mundiais, passaram-se entre a primeira recepção das obras de Saussure e sua acolhida pelo patrão da antropologia dita "estrutural". Lévi-Strauss também se diferencia dos nomes anteriormente citados por suas credenciais: não se está diante de um "linguista", mas de um filósofo reconvertido às ciências ditas "sociais". Trata-se também de alguém que, por inúmeras vicissitudes de nascimento (sua ascendência judaica e ligada a ramos artísticos) e de carreira (o fato dele não pertencer à elite letrada francesa dos egressos da Escola Normal Superior de Paris), inicia sua trajetória profissional em duas espécies de exílios, no Brasil e nos Estados Unidos. É graças a essas experiências que ele tem a chance de realizar um trabalho de campo, bem como de se colocar em contato com cientistas de outras nacionalidades, portadores de saberes diferentes dos seus.

Em seus textos programáticos, Lévi-Strauss vale-se muito da linguística para fazer valer sua posição de "antropólogo" e, mais, de "estruturalista". O quadro abaixo contabiliza as alusões feitas a pesquisadores apresentados como "linguistas" em sua coletânea "Antropologia Estrutural". Ele foi produzido com a ajuda de uma versão eletrônica de uma edição espanhola, que difere de sua análoga brasileira por inserir como introdução do volume a Lição Inaugural no *Collège de France* que o autor proferiu em 1960[18].

NACIONALIDADE	NOME	OCORRÊNCIAS
FRANCESA	MICHEL BRÉAL (1832-1915)	-
	ANTOINE MEILLET (1866-1936)	2
	JOSEPH VENDRYÈS (1875-1960)	-
	MARCEL COHEN (1884-1974)	-
	ÉMILE BENVENISTE (1902-1976)	4
SUÍÇA	FERDINAND DE SAUSSURE (1857-1913)	8
RUSSA	ROMAN JAKOBSON (1896-1982)	33
	NIKOLAI TRUBETZKOY (1890-1938)	11

Quadro 1 - Linguistas citados por Lévi-Strauss em Antropologia Estrutural

[18] Com efeito, dado o conteúdo programático deste texto, ele recupera a trajetória pregressa do antropólogo e projeta um futuro. Cf. Claude LÉVI-STRAUSS, *Antropología Estructural*. Barcelona/Cidade do México/Buenos Aires, Paidos, 1987.

Observa-se, isolando a variável "nacionalidade", que Lévi-Strauss parece mais atinado com a produção não francesa. Dos expoentes da linguística na França, ele cita apenas dois professores do *Collège de France*, o de sua época (Émile Benveniste) e o antecessor deste (Antoine Meillet), relegando todos os demais ao silêncio. Os russos, por outro lado, Jakobson e Trubetzkoy, são, de longe, os mais acionados, enquanto Saussure ocupa uma posição intermediária. Mas o que isso revela do lugar do linguista suíço no edifício teórico do antropólogo francês?

Ter alguma clareza em relação a esse padrão e ao entendimento da "linguística" que ele revela passa por um retorno aos textos. Uma das alusões mais impactantes a Saussure é feita logo no início da aula inaugural de Lévi-Strauss à Cadeira de *Antropologia Social* no *Collège de France*:

> Ninguém, creio, esteve mais próximo de definir [a antropologia social] – ainda que retroativamente – que Ferdinand de Saussure, o qual, apresentando a linguística como parte de uma ciência ainda a nascer, reservou a esta o nome de "*semiologia*" e atribuiu a ela como objeto o estudo da *vida dos signos no seio da vida social.* [19]

Tal correção entre "vida dos signos" e "vida social" é, contudo, matizada por uma crítica de Lévi-Strauss aos sociólogos, e, em particular, à figura de Émile Durkheim (1858-1917), que havia derivado de uma definição apriorística de "social" o próprio comportamento dos signos. Durkheim, segundo o antropólogo, almejava chegar a uma "totalidade" que, no entanto, estava dada de início. Enfatizando uma suposta ruptura entre Durkheim e seu sobrinho Marcel Mauss (1872-1950), que localiza nos anos 1920 e à qual atribui o nascimento da palavra "antropologia" no sentido moderno do termo, Lévi-Strauss enxerga essa "vida dos signos" como relativamente autônoma da "vida social". Ele diz:

> Antes de afirmar que a lógica, a linguagem, o direito, a arte, a religião são projeções do social, não teria sido conveniente esperar que cada uma dessas ciências particulares produzisse um conhecimento aprofundado da *função diferencial de cada um destes códigos*, permitindo assim compreender a *natureza das relações recíprocas que os unem*? [20].

[19] *Ibid*., p. 19 (os destaques são meus).
[20] *Ibid*., p. 23 (os destaques são meus).

O que interessa Lévi-Strauss é "a natureza das relações recíprocas" nos diversos domínios da vida social, ou ainda "a rede de inter-relações funcionais entre tais planos"[21]. Essa rede não se localiza nem no mundo exterior, nem nos sujeitos de conhecimento, nem em alguma esfera ideal que orienta o mundo dos fenômenos, mas única e exclusivamente nos padrões de relação, que ganham assim autonomia ontológica. É aqui, em última instância, que a linguística que Lévi-Strauss entende ser "moderna" atua, postulando a arbitrariedade do signo. E há mais: uma vez aceito isso, os objetos da antropologia, digamos o parentesco ou o mito, poderiam ser problematizados como linguagens específicas.

O lugar de Saussure nesse edifício é dos mais ambíguos. Se ele foi o primeiro a defender o estudo dos signos, via uma "semiologia" aparentada a uma "antropologia", suas propostas tinham de ser revisadas. Ao mencionar o *Curso de Linguística Geral,* Lévi-Strauss afirma:

> Para os *redatores* do *Curso de Linguística Geral* existe uma *oposição absoluta* entre duas categorias de fatos: de um lado, *a gramática, o sincrônico, o consciente*; de outro, *a fonética, o diacrônico, o inconsciente*. Apenas o sistema consciente é coerente; o infrasistema inconsciente é dinâmico e desequilibrado. (...)
> *Tanto em antropologia quanto em linguística, sabemos atualmente que o sincrônico pode ser tão inconsciente quanto o diacrônico*. Nesse sentido, diminui-se a distância entre ambos. (...)
> Nem os redatores do Curso nem Radcliffe-Brow conseguiram perceber que a história dos sistemas de signos engloba *evoluções lógicas em diferentes níveis de estruturação*. [22]

É apenas com a clareza dessa missão que Lévi-Strauss apregoa a colaboração entre as várias ciências humanas:

> Essa convergência das perspectivas científicas é muito reconfortante para as ciências semiológicas, das quais faz parte a antropologia social, pois os *signos e os símbolos* só podem desempenhar sua função enquanto pertençam a *sistemas*, regidos por *leis internas* de implicação e de exclusão, e porque o próprio sistema de signos é o ser transformável – ou ainda, dito de outra maneira, **traduzível** – em linguagem de outro sistema, mediante permutações.[23]

21 *Ibid*., p. 24.
22 *Ibid*., pp. 33-34 (os destaques são meus).
23 *Ibid*., p. 33 (os itálicos são meus, o negrito, do autor).

É notável o esforço do titular da cadeira de "Antropologia Social" de nuançar suas discordâncias em relação a Saussure, que aparece alçado em 1960 ao papel de um visionário da semiologia, enquanto as críticas são dirigidas aos redatores do Curso (o que dá a entender que o próprio Saussure talvez não concordasse com a redação final de "sua" obra). De todo modo, outros textos da coletânea de Lévi-Strauss abordam de forma mais explícita a relação entre os rótulos "linguística", "antropologia" e "estrutural". Neles, o antropólogo não tem tantos problemas em identificar Saussure com uma tendência da linguística que, embora moderna, encontra-se ultrapassada. Em uma nota estratégica do texto "A análise estrutural em linguística e antropologia", diz-se:

> Entre 1900 e 1920, os *fundadores da linguística moderna, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet,* situavam-se decididamente sob a égide dos *sociólogos*. Foi apenas depois de *1920 que Marcel Mauss começou a reverter a tendência*. [24]

Curiosamente, na sequência, o texto não discute a obra do Mauss, mas as propostas de Troubetzkoy sobre fonética. Esse é, em verdade, o "pulo do gato" de Lévi-Strauss: são os "formalistas" russos, Jakobson e Troubetzkoy, que surgem invariavelmente após as referências a outros linguistas para tornar explícito o fato de a estrutura de relações entre os signos ser relativamente autônoma. É o que o autor diz mais adiante nesse mesmo capítulo: "o erro da sociologia tradicional, e da linguística tradicional, está em considerar termos, e não a relação entre termos"[25]. É o que ele busca provar ao afirmar a existência de "átomos de parentesco" invariantes: o "irmão", a "irmã", o "pai" e o "filho". O que importa para sua antropologia não é o fato de determinada sociedade ter uma estrutura de parentesco específica, mas sim a correlação entre os modelos logicamente possíveis e aqueles empiricamente constatáveis. É a mesma metodologia que ele aplica à análise dos mitos. Seu problema toca nos limites criativos do espírito humano, o que torna compreensível o juízo de Paul Ricoeur (1913-2005) sobre sua obra: "um kantismo sem sujeito transcendental", até porque as relações entre signos são exploradas em si mesmas, e não em relação a um sujeito universal, ou a algo que ocupe essa mesma função (por exemplo, a "sociedade").

---

[24] *Ibid*., p. 77 (os destaques são meus). Note-se que o referido texto foi publicado originalmente em 1945. Não comparei a versão original e aquela que Lévi-Strauss publica em sua coletânea de 1958.

[25] *Ibid*., p. 90. O capítulo do qual essa frase foi extraído intitula-se "A análise estrutural em linguística e em antropologia", tendo também sido publicado originalmente em 1945. Como no caso indicado na nota anterior, não comparei a versão original e aquela que Lévi-Strauss publica em sua coletânea.

APONTAMENTOS FINAIS

Proponho agora um retorno ao problema original: o que se diz, de fato, ao formular a frase "Saussure é estruturalista"?

O problema todo está em superar o que há de evidente na questão. Um autor é sempre algo há mais do que o ser de carne e osso ao qual um nome foi colado. Esse nome, aliás, jamais é unívoco mesmo durante a vida de alguém: a vida, o trabalho e o pensamento não são absolutamente coerentes! O mesmo vale após sua morte biológica, quando um nome persiste como rótulo atrelado a textos, a memórias e a projetos intelectuais.

Em meio a esses múltiplos sentidos do "nome", é natural que existam tensões e disputas. Assim sendo, a atividade intelectual e as predicações que lhe dão vida estão sujeitas a dinâmicas parecidas com aquelas que Weber descreve em seus trabalhos de sociologia religiosa[26]. Os agentes científicos também se reúnem em torno de igrejas e seitas que se caracterizam pela gestão autorizada de um patrimônio monumental (no nosso caso, sobretudo textual). Essa atividade pode ser representada por meio de disputas em torno da apropriação autorizada de textos sagrados e das boas chaves de leituras que devem ser aplicadas a eles. Também nas ciências existem os sacerdotes, que velam pela boa observação da ortodoxia consagrada, e os profetas, que afirmam o "novo" ao combinar de maneira inusitada nomes de autores e de obras, conjuntos de objetos, métodos e problemas. Ao fazê-lo, estes criam genealogias, "velhos" e "novos" testamentos, triando e recriando a própria ideia de tradição.

Saussure foi, em seu tempo de vida, um profeta disciplinar, cujo carisma foi reconhecido e manejado tanto por discípulos quanto por outros profetas, dispostos a fazer usos particulares de suas ideias. As sucessivas iniciativas de Meillet e de Lévi-Strauss, aqui reduzidas a alguns de seus textos, podem ser lidas através de uma chave similar. Meillet profetiza, em nome do futuro da "linguística", um lugar em seu passado para Saussure. O mesmo faz Lévi-Strauss, mas pensando em termos de uma "antropologia" específica, dita "estrutural". O interessante é que essas duas profecias são, em alguma medida, concorrentes espacial e temporalmente: afinal, a antropologia estrutural se afirma em um espaço, a universidade francesa, em que vários dos antigos discípulos e sucessores de Meillet falavam em nome de uma linguística diferente daquela referida por Lévi-Strauss, muito mais afeita ao projeto da Escola Sociológica Francesa – penso em Marcel Cohen (1884-1974), em Joseph

[26] Refiro-me, em especial, ao que é dito em WEBER, Max. *Sociologie de la Religion*. Paris, Flammarion, 2006 (com tradução para o francês de Isabelle Kalinowski).

Vendryès (1875-1960), entre outros. O silêncio ao qual o antropólogo condena essas pessoas, as rápidas alusões que faz a elas e mesmo os elogios, dúbios, ganham assim outro peso.

Isso não implica, bem entendido, a inexistência de limites de criatividade quanto à atribuição de rótulos a coisas: os vestígios atrelados a um "nome" resistem, pela sua própria materialidade, às apropriações. E é talvez, justamente, a pouca resistência de um texto como o Curso de Linguística Geral que o tornou um objeto de apropriação de leituras tão diferentes. Como as formulações nele contidas são vagas e sumárias, o que é indicado desde o início de sua recepção, ele pôde ser alçado com muita facilidade ao estatuto de obra clássica, sagrada, para projetos disciplinares muito diferentes.

É apenas nesse sentido que, no âmbito da História das Ciências Humanas, é possível responder afirmativamente à questão que dá título ao presente texto. Por certo, Saussure foi estruturalista. A verdade, contudo, é que essa afirmação não revela uma essência trans-histórica do autor. Ela indica apenas um enunciado que deve ser circunstanciado, e que faz sentido em contextos particulares. Saussure, afinal, foi muito mais que um estruturalista: ele foi tudo aquilo que fez e tudo aquilo que foi feito de seus vestígios, com seu nome e em seu nome. Eis aí, talvez, um bom ponto de partida para a crítica da predicação no âmbito da história das ciências.